

(RES) SIGNIFICANDO A CIDADE: O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE TERESINA (1990-2010)

Regianny Lima Monte
Professora do IFPI
Doutoranda em História pela UFG
Bolsista da FAPEG
regiannymonte@yahoo.com.br

O Centro de uma cidade é mais do que um espaço localizado na cartografia da cidade. Em muitas cidades é o ponto inicial daquele assentamento urbano. Possui uma carga simbólica e patrimonial muito forte. Para Sandra Jatahy Pesavento:

O centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal e uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo. [...] Ser o núcleo mais antigo de um assentamento urbano implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade. (PESAVENTO, 2008, p.04 e 05).

Conforme a autora, um centro urbano possui três componentes fundamentais na articulação entre espaço e tempo na cidade: primeiramente, os elementos estruturais de sua materialidade; em segundo, a apropriação que se fazem desses espaços no tempo, transformando-o em território, ou seja, espaço de experiências vividas, onde se estabelecem as relações de sociabilidades; e por último, a carga imaginária desse espaço-território no tempo, transformado em lugar portador do simbólico e das sensibilidades. Nesse sentido, as centralidades urbanas fazem parte do processo histórico da urbe, uma vez que possui uma carga de materialidades e significações para uma dada sociedade.

Em Teresina, capital do estado do Piauí não é diferente. A cidade foi planejada pelo conselheiro Antônio Saraiva e seguiu o modelo de tabuleiro de xadrez, no qual o projeto tem como ponto de partida um largo, hoje a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, em torno da qual se deu início a cidade, com os prédios públicos e religioso, como o Palácio da Cidade, sede administrativa e a Igreja Nossa Senhora do Amparo, onde se deu a pedra fundamental da cidade.

Em torno dessa área, hoje considerado o Centro da cidade, ocorreu não só o crescimento urbano da capital, mas também foi o lócus de sociabilidades e vivências da maioria da população da capital por pelo menos cem anos de existência.

1.1 O processo de desvalorização do Centro de Teresina

O crescimento urbanístico e suas consequências, como adensamento populacional, é uma característica comum nas cidades desde o século XVIII. Os centros urbanos sofrem um desgaste natural com a passagem do tempo, mudanças podem ocasionar alterações de uso desses espaços, que por sua vez acarretam em perda ou alteração de significado prejudicando sobremaneira a memória construída em torno desses espaços. No Brasil, há poucas políticas de preservação patrimonial, o que prejudica sobremaneira a preservação dos centros urbanos. O mais comum é o processo de descaracterização dessas áreas por meio de demolições de prédios antigos e/ou adaptações grosseiras que contribuem para o processo de desvalorização econômica e patrimonial dos Centros urbanos.

Teresina também passa por todas essas configurações espaciais. Mesmo sendo uma cidade moderna, com um pouco mais de 160 anos de história, projetada para ser a capital do Piauí ainda no império, não consegue preservar seu patrimônio histórico como muitas outras no Brasil. O Centro passou por constantes modificações, desde deixar de ser área residencial de alto poder aquisitivo, até mesmo entrar em um processo de desvalorização comercial. Desse modo, o Centro passou a ser cada vez mais um local vazio à noite, perigoso, degradado. Espaços antes reservados às principais atividades da cidade, polo administrativo, com comércio efervescente, espaços de sociabilidades e de lazer, como praças, cinemas e clubes, sedem espaço para ruínas onde habitam seus fantasmas.

Esse processo de desvalorização do Centro decorre por uma série de fatores que agem mutuamente agravando a situação nesses espaços. Primeiramente, há de se levar em consideração o próprio processo de crescimento e espacialização urbanos ocorrido em Teresina principalmente nas décadas de 1960 e 1970, em que praticamente a população dobrava a cada década, novas áreas surgem na cidade. Uma dessas áreas é a Zona Leste da Cidade, uma área nobre, voltada para uma população de alto poder aquisitivo que busca mais conforto e bem estar longe das áreas centrais e seus problemas comuns como barulho, congestionamentos e altas temperaturas. (ABREU, 1983).

De modo que a área do Centro, a partir de então, perde progressivamente o espaço de área residencial e passa ser eminentemente comercial, uma vez que a população de alto poder aquisitivo se transfere para zona leste da Cidade. Alguns estudiosos afirmam que a inserção dos automóveis também favoreceu a esse processo, uma vez que era possível por meio do veículo ter acesso à área comercial sem necessariamente morar nela. Outra mudança ocorreu no sentido de seguir os moradores mais abastados que migraram para essa nova zona, como por exemplo, um comércio mais especializado e elitizado composto por joalherias, boutiques, lojas de brinquedos importados, concessionárias, supermercados, entre outros, situadas principalmente nas Avenidas Nossa Senhora de Fátima, Homero Castelo Branco e João XXIII. Uma estrutura voltada para o lazer também foi se estabelecendo na zona leste, como a instalação de clubes, restaurantes e bares para atender a nova clientela. Dessa forma, a vida social da cidade desse grupo de moradores se desloca do centro para zona leste, modificando para sempre o uso de espaços do centro da cidade, como praças e clubes, antes *locus* de intensas sociabilidades.

Com a saída da população de classes mais abastadas do centro da cidade, espaços de lazer e sociabilidades passam por modificações. É o caso de praças, como a Pedro II, o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, importante eixo cultural da cidade. Uma vez que as formas de lazer eram substituídas por clubes e restaurantes situados na Zona Leste como o Joquey Clube. Em contrapartida o Centro vai ficando cada vez menos movimentado, principalmente no período noturno e nos finais de semana.

Tarde de domingo no centro de Teresina é um verdadeiro deserto. As praças pairam de tanto silêncio. Até os namorados se ausentam, elas não são mais suas opções. Os feirante e donos de bancas de jornal reclamam da solidão e do pouco lucro. [...] O centro de Teresina para no domingo. Fica uma tristeza. [...] O vendedor Roberto Carlos Pereira, da Banca do Joel, na Praça Pedro II, comenta que no passado, Teresina tinha animação em suas praças na tarde de domingo, porém agora só tristeza. (AGITAÇÃO ..., 1995, p.07)

Cedendo lugar para moradores de ruas e usuários de drogas que passam a fazer outros usos desses espaços. Dessa forma, fica ameaçada também a memória desses espaços, uma vez que perdendo sua função original, suas práticas são cada vez menos presentes. Esses espaços são fundamentais para a construção da história da cidade, são carregados de identidades, nos dizeres de Pierre Nora são “lugares de memória”, só fazem sentido na medida em que são

identificados e rememorados por determinados grupos que repassam para as gerações futuras o significado daquele espaço em períodos históricos diversos. (NORA, 1993).

Outro ponto importante para análise do processo de desvalorização do Centro de Teresina diz respeito também a uma tendência mundial: a abertura de *shoppings center*. Esses empreendimentos comerciais foram implantados em Teresina na segunda metade da década de 1990. As primeiras praças comerciais dessa envergadura foram o Shopping Riverside Walk, inaugurado em 1996 e no ano seguinte o Teresina Shopping. Ambos situados na Zona Leste da Cidade. Esses empreendimentos reconfiguraram não apenas o comércio da capital, aproximando Teresina dos grandes centros mundiais, como também forjando novas espacialidades e sociabilidades.

Durante a década de 1990, outro fenômeno traz impactos negativos para o Centro da cidade. Trata-se de um fenômeno denominado de “centralidade fragmentada”, com a espacialização da cidade em inúmeras direções há o surgimento de “centralidades secundárias”.

Para Glória Alves

A constituição da centralidade enquanto um atributo do espaço sob a perspectiva da reprodução do capital em nossa sociedade, se dá, invariavelmente, de forma hierarquizada e especializada. A centralidade é fragmentada na cidade e homogênea quanto a constituição de algumas formas. Essa tendência impõe mudanças na vida cotidiana das pessoas, a partir do grupo social da qual fazem parte. Compreender as centralidades a partir da vida cotidiana nos leva às centralidades secundárias. (ALVES, 2015. p. 149).

A autora discute o surgimento dessas centralidades secundárias nas regiões periféricas da cidade como uma necessidade decorrente do próprio processo de produção/reprodução desses espaços. A centralidade é entendida, aqui, pela autora, como a concentração de serviços, de bens, de comércio, constituindo uma centralidade local, que atrai pessoas e empreendimento locais, concentrando ainda mais a população naquela área, de modo que “aparentemente, a caracterização de periferia como lugar de precariedade e de centro como concentração e sinônimo de centralidade caia por terra”. (ALVES, 2015, p. 149).

De maneira que não só áreas nobres passam a oferecer serviços e um comércio mais próximo dos moradores, como ocorreu na Zona Leste. Mas áreas tidas anteriormente como periféricas, situadas afastadas do Centro urbano, composta de uma população de baixo poder aquisitivo, com a precariedade de todos os bens e serviços sociais, criadas nas décadas de 1970,

mas sobretudo na década de 1980, com a construção dos Conjuntos Habitacionais distribuídos nas áreas mais afastadas da cidade como o Mocambinho, na Zona Norte, Itararé, na Zona Sudeste e Saci e Parque Piauí, na Zona Sul de Teresina, passaram por um longo processo de reprodução do espaço urbano por modificações e reconfigurações em decorrência das próprias necessidades de sobrevivência nessas áreas.

Com a saída dos moradores iniciada ainda na década de 1960 e 1970, o Centro passa a ser um bairro eminentemente comercial. Mas com os processos de desvalorização, mesmo como região de comércio, ocorrida nas décadas de 1980 e 1990 com vimos anteriormente, essas áreas vão se deteriorando enquanto espaços urbanos. “Visitar o Centro de Teresina nos últimos anos tem sido um grande martírio para os consumidores. As ruas se encontram superlotadas, os camelôs tomam ruas e calçadas e a temperatura elevada da cidade deixa tudo mais insuportável.” (QUEREMOS ..., 2009, p.09)

Marcados agora pelo processo de descaracterização do seu patrimônio edificado, processos em série de demolições ou adaptação de antigas residências para sediar o comércio local ou simplesmente ceder espaço para estacionamentos de veículos, fazem com que a região perca suas características originais. Essas áreas degradadas vão sendo associadas a lugar perigoso, violento, vazio nos finais de semana, o qual deve ser evitado, afugentam os investimentos nessa área, que são agora alocados para as novas centralidades.

No início do século residência de governador. Às vésperas do final, um estacionamento. Foi isso que aconteceu com a casa Antonino Freire, ao lado dos Correios. A família Pintos cuidou de demolir o prédio antes que a proposta de tombamento, já aprovada, se efetivasse, não houve tempo para salvar o patrimônio construído na segunda metade do século passado. Foi uma das destruições mais traumáticas da memória teresinense. (ALVES, ANDRADE, 1992, p.09).

Dessa forma, a cidade entrava em uma corrida frenética pela mudança que atingia diretamente seu patrimônio edificado e conseqüentemente comprometia a memória histórica por meio dos bens edificados situados no centro da cidade. Os proprietários desses imóveis desconhecem o valor da preservação desses bens e temem o processo de tombamento por terem a responsabilidade de conservar as características originais e dessa forma preferem descaracterizar ou até mesmo demolir ao tombamento, e não perder valor econômico do imóvel. Muitos justificam que a responsabilidade da conservação recai apenas para o proprietário, não havendo contrapartida do poder público. Uma perda irreparável para o patrimônio histórico da

cidade, que necessita de preservar um conjunto de bens para que tenha sentido e uso para a coletividade.

Mas, independentemente da preservação do patrimônio histórico presente nesses imóveis, outro problema que afligia os proprietários de imóveis no centro de Teresina era a precariedade das instalações elétricas, responsáveis pela sobrecarga que ocasionam os incêndios. Devido à antiguidade dos imóveis, essas instalações eram perigosas, e do material que eram construídos, casarões com grandes áreas em madeira, e até mesmo os produtos vendidos em lojas como roupas, calçados, móveis, plásticos e papéis, produtos altamente inflamáveis. Nesse sentido, o Centro era um verdadeiro “barriu de pólvoras”, no que se tratava de possíveis ocorrências de incêndios na região. O Corpo de Bombeiros era responsável por fazer vistorias, inspeções e liberar alvarás de funcionamento no que se refere à segurança. Mas especialistas informavam que era necessário que esse trabalho fosse feito com maior frequência e em uma periodicidade menor de pelo menos a cada dois anos, devido as especificidades da área. (BARRIL ..., 2001, p.09)

Construída na segunda metade do século XIX, portanto, com ruas estreitas, planejada para passagem de pequenas carroças e veículos de tração animal, a capital era composta de ruas que se entrecortavam em ângulos retos compondo um “tabuleiro de xadrez”, área que posteriormente veio sediar o centro, que com o crescimento urbano e o conseqüente aumento de veículos agora automotivos teve que conviver com dois graves problemas relacionados ao tráfego urbano: constantes congestionamentos e falta de locais para estacionar. “O fluxo de carros é elevado no Centro, o trânsito fica bastante lento, nos horários de pico. A escassez de vaga para estacionar os veículos leva os motoristas pararem em fila dupla, provocando os constantes estacionamentos. Com isso também aumenta o número de infrações.” (ESTACIONAMENTO ..., 1997, p.05) Outros problemas como a alto custo dos estacionamentos privados e o assédio de “flanelinhas” e guardadores de carros que praticamente loteiam as poucas vagas de estacionamento existentes no Centro, exigindo pagamento por meio de coerção, com ameaças e até mesmo chegando a danificar alguns automóveis daqueles que se recusam a fazer o pagamento exigido por eles.

A situação é caótica. Sem o planejamento adequado, e pela explosão urbana sofrida nas últimas décadas, o Centro foi invadido por vendedores ambulantes, que se espalharam rapidamente pelas ruas, calçadas e praças sem a menor organização.

A cada dia aumenta o número de comerciantes nas praças da cidade. Os vendedores de frutas e de refeições são os principais ocupantes desses logradouros para fins comerciais e, em decorrência disso a população fica sem espaço até pra caminhar pelas praças, além de ter que conviver com a sujeira e os restos de refeições e cascas de frutas que são jogadas nesses. A situação é mais grave nas praças do centro, principalmente a João Luís Ferreira, que muita gente deixou de frequentar por causa da situação de desprezo em que ela se encontra. Na Rio Branco, o grande número de vendedores de frutas também atrapalha as pessoas que passam por ali. Na opinião de muitos teresinenses, os comerciantes que trabalham nas praças precisam ser deslocados para outros locais. Mas há pessoas que entende que o comércio deve continuar nas praças onde os vendedores fazem melhores negócios. (VENDEDORES ..., 1992, p.05)

O comércio ambulante no centro da cidade chegou a ocupar cerca de trinta quarteirões, ou seja, aproximadamente três quilômetros de comércio irregular, interrompendo em alguns casos, o tráfego em ruas importantes como a Simplício Mendes e a Álvaro Mendes, transformadas em calçadas destinadas apenas para a circulação de pedestres. É quase impossível a livre circulação nessas ruas tanto para pessoas, como veículos especiais como o Corpo de Bombeiros e ambulâncias, principalmente na rua Simplício Mendes, onde concentram-se maior parte dos ambulantes ficava prejudicada. As reclamações recaiam pelo fato dessas vias públicas encontrarem-se totalmente obstruídas pelo comércio ambulante. Prejudicando não só a circulação de veículos de atendimento de urgência e de veículos da polícia, como também prejudicando o acesso de veículos para o abastecimento do comércio formal, além de impossibilitar a passagem de veículos de manutenção como o da coleta de lixo.

As praças de Teresina, incluindo as situadas no centro da cidade, importantes logradouros urbanos, por muito tempo tiveram seu papel como espaço de lazer e sociabilidades, encontravam-se completamente abandonadas e descaracterizadas. Praças históricas como Praça Marechal Deodoro da Fonseca, Rio Branco, Pedro II, Saraiva, Da Costa e Silva viraram pontos de pedintes, vendedores ambulantes, venda de drogas, com o espaço físico completamente comprometido, além de tornarem locais inseguros, devido aos constantes delitos de delinquentes como assaltos e pequenos furtos aos seus transeuntes.

Engrossavam o movimento pelas ruas e avenidas do Centro de Teresina, a explosão de pessoas que perambulavam pelas as ruas em busca de sobrevivência. Eram em geral eram mendigos, pedintes, usuários de drogas, prostitutas, ou sem ocupação definida. Soma-se a isso o fato de muitos prédios abandonados terem sido utilizados como moradia a esses grupos menos favorecidos, que anteriormente haviam sido expulsos para periferia, retornam progressivamente

para o Centro, reocupando este espaço, dando-lhes um novo uso, ressignificando-o. A imagem a seguir é de um antigo sobrado abandonado, que passou a funcionar como pequeno prostíbulo, situado na rua Félix Pacheco. A sacada de ferro serve como varal para secar as roupas dos novos residentes do imponente sobrado agora em ruínas. O contraste das formas altivas do prédio, mesmo desgastado, ao expor roupas para secar livremente, em pleno centro da cidade, dando um aspecto de periferia ao local.



Foto 01: Sobrado situado na rua Félix Pacheco, no Centro de Teresina
Fonte: Fotografia de Margareth Leite IN: SALGADO, 2009

De fato, o que ocorre nesses espaços, com a passagem do tempo e com o crescimento e espacialização da cidade, é um intenso processo de desvalorização e descaracterização desses ambientes. O Centro, sofreu ainda com alteração de usos, suas funções originais são desviadas ou destruídas. E por fim, todo esse processo acaba por interferir na perda do significado histórico desses espaços, uma vez que o significado e a memória construída em torno desses espaços são postos de lado, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido, que é acelerado pelos imperativos do presente, dos usos e necessidades desses espaços pelo agora. Assim, muitas centralidades urbanas agonizaram neste fim de século, fazendo surgir, por outro lado, inúmeras propostas de recuperação, revalorização e revitalização dessas áreas, com objetivo de preservar e dar novos sentidos e usos a esses espaços.

As intervenções no sentido de revalorizar o Centro de Teresina

As discussões em torno de um projeto de intervenção urbanística para capital do estado do Piauí tinham que levar em consideração as transformações que estavam ocorrendo na cidade. Era necessário pensá-la de uma forma estratégica com relação aos desafios que se apresentava naquele momento e àqueles que estavam por vir. Eram tempos em que a atividade comercial se descentralizava, sobretudo, com a abertura dos novos *shopping centers* e o crescimento comercial da zona leste da cidade, mais do que nunca era necessário estar atento às necessidades que se apresentavam ao poder público.

Nesse sentido, seguindo uma tendência mundial¹, os gestores municipais organizaram um evento para discutir os problemas e as propostas de intervenção principais para um melhor aproveitamento da área central, o Fórum de Revitalização do Centro de Teresina, realizado entre os dias 03,04 e 05 de março de 1997. De acordo com o superintendente do Instituto Municipal de Planejamento de Fortaleza, convidado para fazer uma palestra no fórum, afirma que “a tendência do centro comercial é perder a vitalidade e a concentração dos negócios [...] com a construção dos shoppings e regiões urbanas periféricas”. (RIBEIRO, 1997, p.09).

O projeto de revitalização do centro de Teresina englobava uma análise e propostas de intervenções nas mais diversas áreas, como na segurança, no trânsito, na recuperação de ruas e avenidas do Centro ou que dão acesso a ele, recuperação de praças e logradouros públicos com o intuito de preservar o patrimônio histórico-cultural, na questão polêmica dos espaços destinados aos estacionamento, na realocação do comércio ambulante, além dos problemas de infraestruturas de modo geral, como abastecimento de água, iluminação, coleta de lixo, etc. De modo que o projeto visava atingir todos os aspectos urbanísticos que seriam avaliados com a finalidade de melhorar o comércio para consumidores e lojistas, estes formais ou informais.

A revitalização [do Centro de Teresina] é fundamental, porque, independente da perspectiva para a qual aponte as necessidades de um desenvolvimento urbano moderno, sempre haverá uma importância específica destinada ao centro da cidade. Teresina, especificamente, tem crescido, comercialmente, no sentido da zona leste e não parece lógico barrar essa tendência. O que não pode, de fato, é abandonarmos o centro, entrega-lo às moscas, abrindo mão de uma parte da nossa história. Para que isso seja evitado, porém, é necessário

¹ Ana Fernandes informa que nas últimas décadas do século XX, mediante a crise vivenciada nos grandes centros urbanos tornou-se consenso no sentido das generalizações em torno das intervenções urbanísticas, apoiado na generalização dos conceitos. Essa nova ótica tem como finalidade lidar com problemas urbanos perceptivo em escala global, como problemas ambientais, com a poluição de rios, o lixo urbano, insegurança, mobilidade urbana, favelização, isolamento e perda das referências identitárias de comunidade, memória e identidade com os espaços urbanos tradicionais da cidade. (FERNANDES, 2001).

que se planeje o seu fortalecimento, ou refortalecimento, dentro, de bases que não prejudiquem o progresso da cidade. (REVITALIZAR ..., 1997, p.02).

O objetivo era fortalecer a ideia que o centro comercial da cidade ainda era uma área promissora da cidade, tanto por seu passado histórico, ainda vibrante na arquitetura local, sediava órgãos importantes da administração pública, como um presente marcado pelo comércio ainda efervescente ali existente, seja ele formal ou informal. Nesse sentido, localizar os pontos de estrangulamento do seu crescimento e identificar os pontos cruciais que deveriam passar por intervenções, esse era a finalidade do Fórum de Revitalização do Centro de Teresina.

Os mais diversos setores da sociedade foram convidados a participar e dar suas contribuições em forma de sugestões. Desde comerciários e vendedores ambulantes, que opinaram sobre os limites dos espaços que deveriam ser ocupados por cada um deles, permitindo sobretudo a livre circulação pelos logradouros públicos, reforma de calçadas, padronização de fachadas de prédios comerciais a órgãos públicos representados por suas correspondentes secretarias, como a Secretaria Municipal de Transportes Públicos que trouxe como sugestões para melhorar o trânsito como “a construção de um edifício-garagem, além de projetos para disciplinar o transporte coletivo no centro comercial, além de um projeto de ônibus executivo com objetivo de reduzir o número de carros.” (A REVITALIZAÇÃO ..., 1997, p.09).

Nem tudo que foi sugerido foi de fato adotado, como o edifício-garagem por exemplo. Assim como as dificuldades para implementar a reforma nas fachadas dos pontos comerciais, ficando mais como um disciplinamento usos de placas e letreiros do que uma recuperação de suas fachadas originais. Entretanto, buscou-se conciliar os interesses dos mais diversos setores que tinham em comum a ideia de que o Centro necessitava de intervenções urgentes para recuperá-lo e voltar a atrair frequentadores e consumidores. A prefeitura mostrava-se como mediadora, “são os segmentos envolvidos com o Centro é que vão definir as alterações que devem ser feitas. A prefeitura irá apenas coordenar.” (DURANTE ..., 1997, p.09) O que não deixava de ser uma tarefa difícil, uma vez que os conflitos de interesses afluíam nos mais diversos campos, cabendo, portanto, a municipalidade encontrar a melhor solução para os inúmeros problemas levantados sobre o centro de Teresina.

Era necessário não apenas restaurar, mas requalificar o Centro de Teresina, no sentido de levar novos investimentos para o local, e torna-lo um dos pontos mais importantes da cidade,

como já fora outrora. Para Júlio Medeiros, arquiteto responsável pelo projeto de revitalização do centro: “queremos resgatar o potencial do Centro de Teresina, que está em decadência. Queremos transformá-lo na área nobre da cidade, não apenas resgatando seu aspecto físico, mas atraindo investimentos como restaurantes e bares para esta região.” (PREFEITURA ..., 2005, p.04)

Uma amostra desse desafio estava em alocar os vendedores ambulantes. No Fórum de Revitalização do Centro de Teresina, foi discutida a proposta de criação de um shopping para os ambulantes. Este, posteriormente denominado Shopping da Cidade, proposto pela Prefeitura Municipal de Teresina tinha por finalidade oferecer uma estrutura adequada de trabalho para os ambulantes, com conforto e segurança e dessa forma liberar o tráfego nas ruas ocupadas por esses vendedores e suas mercadorias. A proposta era a construção de uma ampla área comercial e de serviços distribuídas em três pavimentos, com capacidade para abrigar 1300 lojas. O local escolhido foi o Terminal Rodoviário Rural, ao lado da Praça Marechal Deodoro da Fonseca – Praça da Bandeira, no marco zero de Teresina, portanto no coração da cidade. Mas a proposta não foi recebida pela população de forma homogênea, pelo contrário, gerou inúmeras discussões.

Mesmo diante das polêmicas, o projeto de uma nova área para sediar o comércio ambulante de Teresina seguiu em frente. A área escolhida ficou determinada que seria mesmo o local do, até então, Terminal Rodoviário Rural, situado entre a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida popularmente de Praça da Bandeira, e a tradicional Avenida Maranhão, conhecida pelo comércio intenso ali realizado, por estar às margens do Rio Parnaíba, onde também se encontra a Ponte Rodoferroviária Metálica, um importante entreposto comercial da cidade. Tendo o Mercado Central, conhecida praça comercial de produtos artesanais, com a venda de frutas, verduras e carnes, além das famosas bancas com venda de comidas típicas da região, do lado direito do shopping e o Troca-troca, feira tradicional da cidade, onde se comercializa produtos usados, como eletrodomésticos, móveis, ferramentas e utensílios diversos, do lado esquerdo.

O projeto arquitetônico de Júlio Medeiros, o Shopping da Cidade contava com 14.200 m² de área construída. O complexo conta com três pavimentos, edificadas em dois blocos interligados por passarelas, escadas rolantes e elevadores. Com disponibilidade de 1.956 boxes para alocar os vendedores ambulantes, além de um amplo espaço destinado a diversos serviços como postos bancários, Correios, uma loja âncora, composta por um supermercado, praça de

alimentação, banheiros, além de uma área com capacidade para 60 pessoas que poderá ser usado para reuniões e atividades de capacitação. O projeto do shopping foi pensado com o objetivo de oferecer condições dignas de trabalho para os ambulantes, mas também projetado no sentido de atrair o maior número possível de consumidores, por esse motivo foi diversificado o número de serviços ali oferecidos. Dessa forma, os usuários passavam a contar com uma área com mais conforto, comodidade e segurança. O investimento de R\$ 15 milhões foi disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Teresina.



Foto 4: Maquete do Shopping da Cidade
Fonte:



Foto 5: Shopping da Cidade em 2010
Fonte:

Uma composição de três pisos de concreto armado dava fim a fragilidade das barracas dos vendedores ambulantes espalhadas pelo centro da cidade, sujeitos às intempéries do clima, protegidos apenas pelos famosos guarda-sóis coloridos, que inspirou a logomarca do Shopping da Cidade, uma clara referência às antigas bancas. A proposta do prédio era fomentar a integração. Seja ela entre o passado e o presente, uma marca identitária do tipo de comércio que era exercido ali, um comércio popular, de vendedores ambulantes. Seja de espaços, uma vez que a nova praça comercial estava integrada à estação de Metrô Alberto Silva, ou ainda a integração de pessoas, já que o objetivo principal era a união de pessoas em um mesmo espaço que proporcionasse não apenas um ambiente de compras, mas também de encontros, um local de braços abertos para receber a todos como demonstra o painel da faixada do prédio.

O Mercado Central ou mais popularmente denominado de Mercado Velho passou por uma reforma, assim como outro ponto de comércio popular denominado de Troca-troca também passou por reformas. Havia uma necessidade de recuperar essa área e devolve-la para a população com um novo significado e uso. Seguindo a lógica de integrar os espaços, o setor dos transportes públicos contou com a ampliação do percurso do “metrô”, uma espécie de trem

de superfície que interliga o Centro com alguns bairros da cidade, com a inauguração da estação do metrô, com a estação Alberto Silva, interligada ao Shopping da Cidade. Foram feitas alterações também nos terminais de ônibus, com o intuito de reordenar o trânsito do centro da cidade, uma vez que também o interligava com o novo projeto do Shopping da Cidade. Esse último esteve envolto em uma série de polêmicas que envolveram vários setores da população teresinense.

O trânsito era um dos principais empecilhos para a revitalização do Centro da cidade. estava a intervenção no reordenamento do tráfego nesse local por meio do Plano Diretor de Transportes e Trânsito de Teresina. Uma das propostas para melhorar o fluxo do trânsito no centro da capital foi remanejar os pontos de taxis de ruas mais movimentadas para ruas com menor movimento, como por exemplo a Rua Paissandu. Outra medida foi alterar o percurso das linhas de ônibus que anteriormente saíam da Rua Areolino de Abreu circunscrevendo a Praça da Bandeira, pelo lado esquerdo e pela rua Coelho Rodrigues até chegar na Avenida Maranhão, uma vez que o prolongamento da Rua Areolino de Abreu estava parcialmente obstruído por barracas de vendedores ambulantes. Com a mudança, os ônibus coletivos seguiriam direto pela Areolino de Abreu até a Avenida Maranhão. A mudança também requereu, além da retirada dos vendedores ambulantes da via, a construção de novas paradas de ônibus, já que essa área passou a ser o terminal dos ônibus que faziam linha para o Centro da cidade. A medida visava aproximar os transeuntes do Mercado Central e do local onde iria ser construído o Shopping da Cidade. (ITINERÁRIO ..., 1998, p.02).

Seguindo o modelo adotado em muitas cidades, como uma maneira de recuperar áreas centrais em decadência por meio de revitalização dos centros culturais. O Complexo Cultural da Praça Pedro II, composta pela Praça Pedro II, o Clube dos Diários, o Teatro 4 de Setembro, o Cine Rex e o Centro de Artesanato Mestre Dezinho, uma importante área histórica e cultural da cidade também foram incluídas nas obras de Revitalização do Centro de Teresina. Com exceção do Cine Rex, por se tratar de um prédio de propriedade privada, os demais passaram por reformas que tinha o Governo do Estado a frente dos serviços. As reformas realizadas nas demais praças do Centro de Teresina ficaram sob a responsabilidade da prefeitura municipal de Teresina, cumprindo um total de dez praças. As praças do centro de Teresina além de fazerem parte da construção da história e do patrimônio cultural da cidade, no que tange ao lazer e as sociabilidades, eram também espaços de preservação de áreas verdes, extremamente importantes na composição da paisagem urbana, como espaços aprazíveis, necessários para

quem convivia com altas temperaturas durante quase todos os meses do ano. (PRAÇAS ..., 2002).

Se por um lado a retirada das barracas dos vendedores ambulantes das ruas e praças do Centro possibilitou a reforma e recuperação desses logradouros, dando um aspecto visivelmente melhor para o centro da cidade, outras mudanças não tiveram o mesmo sucesso na sua implementação. A exemplo temos a preservação do patrimônio arquitetônico de prédios antigos que continuou a desafiar o poder público que não conseguiu encontrar o equilíbrio entre a necessidade de implantação de novos prédios e a convivência harmônica com os antigos e históricos. Outra incompletude do projeto de revitalização está na migração do comércio e assim como de moradores para outras zonas da cidade, permanecendo o centro como um local perigoso e vazio durante à noite, assim como violento e inseguro durante o dia. É inegável que houve melhorias, sobretudo, no ordenamento do tráfego, no acesso às lojas, restaurantes e demais estabelecimentos comerciais, com a liberação de ruas que tinham seu tráfego obstruído como as ruas Simplício Mendes e Álvaro Mendes. Porém, velhos problemas persistem até os dias atuais.

A antropóloga norte americana, Jane Jacobs, faz uma crítica contundente dos princípios e dos objetivos que modelaram o planejamento urbano e os processos de reurbanização modernos e ortodoxos. Ainda que publicado em 1961, seus estudos apontam problemas muito visíveis nas cidades da atualidade. Isso se deve ao fato de os projetos de intervenção urbanística não terem passado por grandes modificações e nesse sentido ainda não apresentam soluções para velhos problemas urbanos, como a falta de segurança nas ruas, congestionamentos e áreas urbanas que sofrem com degradação. Para ela um dos erros ocorre na implantação de programas de revitalização que buscam preservar edifícios, praças e monumentos de forma isolada. Não se pensa no conjunto, pretende-se somente recuperar o seu uso original. “É tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui.” (JACOBS, 2011. p. 14).

Para florescimento e a recuperação de uma área é necessário levar em consideração a diversidade de usos que se faz desse espaço nos mais variados níveis. Como a mesclagem de prédios antigos e novos, a presença de área residencial e comercial, de padrões de rendimentos altos, médios e baixos, que ofereça movimentação nos mais diversos horários do dia. Essa variedade, conforme Jacob é o que trará uma revitalização efetiva e consistente por meio de um processo dinâmico ano após ano, que possam coexistir o novo e o velho de forma harmônica.

Apesar dos esforços feitos pelos administradores da capital do Piauí, as decisões tomadas por eles no sentido de revitalizar o centro não surtiram os efeitos esperados. E como podemos ver ao longo desse capítulo, foram muito diferentes das ações sugeridas pela autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

AGITAÇÃO do Centro dá lugar ao abandono: a confusão dos dias úteis se transforma numa completa paralisia da região central. *Cad. Cidade. O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.847. p. 07. 26 jun 1995.

ALVES, Glória. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: CARLOS, Ana Fani Alessan. (org.). *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015.

ALVES, Siljane; ANDRADE, Samária. Patrimônio em risco. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.920. p.09, 29 maio 1992.

A REVITALIZAÇÃO do Centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.957, p. 09, 25 fev 1997.

BARRIL de pólvora: Centro de Teresina oferece muitos perigos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.391, p. 09. 14 set 2001.

DURANTE três dias, os segmentos envolvidos com a área vão discutir sugestões para os problemas do centro comercial. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.957, p. 09, 25 fev 1997.

ESTACIONAMENTO é problema grave. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.966. p. 05, 05 mar 1997.

FERNANDES, Ana. Consenso sobre a cidade? In: BRESCIANI, Maria Stella. (Org.) *As palavras da cidade*. Porto Alegre: 2001.

ITINERÁRIO dos ônibus vai mudar no Centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.216. p. 02, 19 mar 1998.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. *Revista Mosaico*, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

PRAÇAS preservam áreas verdes da cidade. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIIIV, n. 5.809. p. 09, 16 ago 2002.

PREFEITURA projeta complexo para revitalização do Centro de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.555, p. 04, 08 out 2005.

QUEREMOS devolver o Centro para a cidade. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.888. p.05, 16 jun 2009.

REVITALIZAR o Centro. Editorial. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.454, p. 02, 03 mar. 1997.

RIBEIRO, Efrén. Centro perderá negócios. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.457, p.09, 06 mar 1997.

SALGADO Maranhão (Org.). *Teresina um Olhar Poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009.

VENDEDORES ocupam e sujam as praças de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.400. p. 09, 12/13 jul 1992.